

## A Poesia Trovadoresca

### Como surgiu a poesia trovadoresca, logo de início, tão rica e elaborada?

A poesia trovadoresca floresce em Portugal e na Galiza, em Castela, Leão e Aragão, desde finais do século XII até meados do século XIV. O idioma usado por excelência é o **galego-português**<sup>1</sup>, já que o galego e o português não estavam ainda diversificados. Podemos distinguir quatro períodos no nosso trovadorismo: o período pré-afonsino; o período afonsino; o período dionisíaco e o período pós-dionisíaco, sendo o mais rico o período afonsino, que abrange os reinados de D. Afonso III (1245 – 1279) e de Afonso X de Castela. Os autores mais antigos que se conhecem são o rei D. Sancho I (1145 – 1211) e João Soares de Paiva (nascido por volta de 1140). Os cultores desta poesia chamam-se «trovadores» e «jograis» ou «segréis», sendo os primeiros normalmente de origem social elevada e, como diz Jacinto Prado Coelho, «criadores de poesia por galanteria cortesã e comprazimento estético» e os jograis ou segréis «homens de condição inferior que ora cantavam música e poesia alheias, ora eles próprios compunham, para tirarem proveito da sua arte». Estes últimos andavam de corte em corte a distrair e entreter os senhores e eram frequentemente acompanhados por **soldadeiras**<sup>2</sup>, mulheres que eram remuneradas para cantarem ou dançarem, animando ainda mais os serões nos castelos.



Figura 1 - *Senhor, jogral e soldadeira, iluminura do Cancioneiro do Palácio da Ajuda, século XIII, ANTT, Lisboa*

## Origens da Poesia Trovadoresca

Para explicar a sua origem há quatro teses sistematizadas e expostas pelo Prof. Rodrigues Lapa:



Figura 2 - *Castelo de Almourol*

*Tese folclórica* – explica o nascimento da poesia trovadoresca a partir das festas pagãs de Maio, da Primavera e dos cultos de Vénus, Baco e das divindades ligadas à vida.

*Tese litúrgica* – defende que esta poesia é uma derivação da poesia religiosa, com origem na poesia hebraica e que o culto à Virgem Maria estaria na base do culto da mulher, da veneração do trovador perante a dama cantada. Tratar-se-ia da profanização da poesia litúrgica a que não seriam alheias as romarias e peregrinações religiosas, especialmente a de Santiago de Compostela.

*Tese arábica* – justifica o aparecimento da poesia dos

<sup>1</sup> Galego-português: dialecto falado na Galiza, a norte de Portugal.

<sup>2</sup> Soldadeira: que recebe soldo, remuneração.

trovadores por influência da poesia árabe, o que é defensável dada a supremacia dos Árabes em vários sectores – química, matemática, agricultura, etc. Porque não na literatura?

*Tese médio-latinista* – explica o fenómeno trovadoresco a partir da poesia latina sentimental (nomeadamente de Ovídio e Catulo), que teria sido popularizada pelos **goliardos**<sup>3</sup> e que estaria na origem da poesia provençal.

Embora a origem conserve algum mistério, parece que a hipótese mais provável pressupõe a combinação da tese folclórica e da tese litúrgica.

## Os textos

Os textos conhecidos estão reunidos em quatro *Cancioneiros* (três de carácter profano e o último de carácter religioso), muito próximos entre si: Cancioneiro da Ajuda (CA); Cancioneiro da Biblioteca nacional (antigo Colocci Brancutti) (CBN); Cancioneiro da Vaticana (CV) e as Cantigas de Santa Maria.

### *O Cancioneiro da Ajuda*

O Cancioneiro da Ajuda é o mais antigo, provavelmente compilado em finais do século XIII ou princípios do século XIV, mas o menos completo, pois não inclui a vasta produção do rei D. Dinis e só contém cantigas de amor. Tem, no entanto, 64 cantigas não transcritas nos outros cancioneiros e apresenta grande interesse e valor por pertencer à época da maioria dos poetas que nele estão representados e por ser um documento único pela grafia e pela decoração, sobretudo pelas **iluminuras**<sup>4</sup> de grande beleza, que testemunham aspectos curiosos da vida dos trovadores, jograis e soldadeiras, nos castelos onde se exibiam.

### *Os Cancioneiros da Biblioteca Nacional e da Vaticana*

Os Cancioneiros da Biblioteca Nacional e da Vaticana foram copiados em Itália, em fins do século XV ou princípios do século XVI, de originais que datam provavelmente do século XIV e abrangem todos os géneros e não só as cantigas de amor. Abarcam um espaço de tempo muito mais vasto que o Cancioneiro da Ajuda, incluindo poetas anteriores e contemporâneos de D. Afonso III, de D. Dinis e de seus filhos.

### *O Pergaminho de Vindel*

Conhecem-se ainda outras cópias menos completas, de que se salientam: o Pergaminho de Vindel (PV), copiado na Galiza em fins de século XIII ou inícios do século XIV e que inclui as sete cantigas conhecidas de Martim Codax, seis das quais estão

<sup>3</sup> Goliardos: monges errantes, antepassados dos trovadores.

<sup>4</sup> Iluminuras: pinturas a cores nos manuscritos medievais.

acompanhadas da respectiva notação musical. Este valioso documento só foi descoberto em 1914 pelo livreiro espanhol que lhe deu o nome, Pedro Vindel.

## As Cantigas de Santa Maria

As Cantigas de Santa Maria são quatro manuscritos que contêm apenas poesias religiosas dedicadas à Virgem, da autoria do rei Afonso X, o Sábio, de Castela (reinado entre 1221 e 1284), avô do nosso rei D. Dinis.

## Os géneros e variedades

Nos *Cancioneiros da Biblioteca Nacional e da Vaticana* estão representados três géneros diferentes de composição: cantigas de amigo, cantigas de amor, cantigas de escárnio e maldizer, géneros que já são referenciados no tratado poético truncado, do século XIV, de autor anónimo, que faz parte do próprio *Cancioneiro da Biblioteca Nacional – Arte de Trovar*.

Como dizem António José Saraiva e Óscar Lopes, na *História da Literatura Portuguesa*: «A diferença entre as cantigas de amor e as de amigo consiste, segundo o mesmo tratado, em que nestas se supõe que fala uma mulher, ao passo que naquelas o trovador fala em seu próprio nome. As cantigas de amigo são, portanto, quanto ao tema, cantigas de mulher e o nome por que são conhecidas designa o seu objecto, o amigo ou amado, geralmente referido logo no primeiro verso.»

## As cantigas de amor

Os **trovadores** chamaram cantigas de amor às composições em que o poeta exprime os seus sentimentos por uma dama, reflectindo a maioria das vezes um amor infeliz, incompreendido e insatisfeito. Perante a senhor, o poeta apaixonado humilha-se, suplica e adora como um vassalo o seu suserano. Frequentemente diz só lhe restar morrer de amor ao aperceber-se da indiferença, frieza e distanciamento da amada. As cantigas de amor galego-portuguesas reflectem forte influência provençal, não só a nível do conteúdo como a nível formal.

Na *História da Literatura Portuguesa*, António José Saraiva e Óscar Lopes afirmam: «Quanto aos temas, elaboraram os Provençais o ideal ao amor cortês, tão diferente do idílio rudimentar nas margens dos rios ou à beira das fontes que os cantares de amigo nos deixam entrever. Não se trata agora de uma experiência sentimental a dois, mas de uma aspiração sem correspondência, a um objecto inatingível, de um estado de tensão que, para se manter, nunca pode chegar ao fim do desejo. Manter este estado de tensão parece ser o ideal do verdadeiro amador e do verdadeiro poeta, como se o movesse o amor do amor mais do que o amor a uma



Figura 3 - Relicário da rainha Santa Isabel, inícios do século XV, MNMC, Coimbra

mulher (...). Todo um código de obrigações preceituava o “serviço” do amador, que, por exemplo, devia guardar segredo sobre a identidade da dama, coibindo toda a expansão pública da paixão (o autodomínio, ou mesura, era a sua qualidade suprema) e que não podia ausentar-se sem sua autorização (...). A este ideal de amor corresponde certo tipo idealizado de mulher que atingiu mais tarde a máxima depuração na Beatriz de Dante ou na Laura de Petrarca: os cabelos de ouro, o sereno e luminoso olhar, a mansidão e a dignidade do gesto, o riso subtil e discreto.»

*Que soidade de mha senhor ei,  
quando me nembra d'ela qual a vi  
e que me nembra que bem a oí  
falar, e, por quantro bem d'ela sei  
rog'ueu a Deus, que end'á o poder  
que mha leixe, se lhi prouguer, veer.*

.....  
D. Dinis (CV 119; CBN 481)

## As cantigas de amigo

Nas cantigas de amigo, o trovador expressa, pela boca de uma donzela, a menina, os sentimentos que supõe que esta sente em relação ao amado e os estados emocionais experimentados por ela, que padeceria a paixão amorosa – a **coita**<sup>5</sup> de amor. As variedades principais são a alva, alba ou alvorada, a barcarola ou marinha, a bailia ou bailada e a cantiga de romaria.

As **alvas**, ou albas, são as cantigas em que aparece o romper do dia, a alvorada, como momento de separação e despedida de dois apaixonados:

*Levad'amigo, que dormide 'las manhãs frias:  
tôdalas aves do mundo d'amor diziam:  
leda mh and'eu.*

.....  
Nuno Fernandez Torneol  
(CV 242; CBN 604)

As **barcarolas**, ou marinhas, são chamadas assim por nelas predominarem os motivos marinhos, referentes ao mar ou ao rio, onde a donzela vai esperar o amigo ou lamentar-se da sua ausência.

*Ondas do mar de Vigo,  
se vistes, meu amigo!  
E ai Deus, se verrá cedo!*

.....  
Martin Codax  
(CV 884; CBN 127)



Figura 4 - Cena marítima, iluminura do Missal do Lorrvão, ANTT, Lisboa

As **bailias**, ou bailadas, são toadas simples que acompanhavam a melodia de dança. Daí a importância que nelas tem o aspecto musical realçado pelo paralelismo e existência indispensável do refrão. Ao contrário das anteriores, em que o tom é triste, o tema é a alegria de viver e amar.

*Bailemos nós já todas três, ai amigas  
so aquestas aveleneiras frolidas;*

<sup>5</sup> Coita: desgosto, dor.

*e quem for velida como nós velidas,  
se amigo amar,  
so aquestas aveleneiras frolidas;  
verrá bailar*

.....  
*Aires Nunez de santiago  
(CV 462; CBN 818)*

Nas **cantigas de romaria**, ou romarias, mencionam-se festas e peregrinações a santuários e capelas onde a donzela vai cumprir promessas, rezar pelo amigo ou simplesmente distrair-se em locais de culto que ainda hoje perduram.

*Pois nossas madres vam a San Simon  
de Val de Prados candeas queimas,  
nós, as meninas, punhemos d'andar  
com nossas madres, e elas enton  
queimen candeas por nós e por si  
e nós, meninas, bailaremos i*

.....  
*Pêro de Viviãez  
(CV 336; CBN 698)*

As cantigas de amigo são de raiz peninsular, originárias da Galiza e Norte de Portugal, e apresentam uma simplicidade e espontaneidade notáveis, em oposição ao palacianismo e convencionalismo das cantigas de amor.

## *Cantigas de escárnio e da maldizer*

Em paralelo com o lirismo representado pelas cantigas de amigo e de amor, desenvolve-se desde cedo, na mesma época, um género satírico revelado nas cantigas de escárnio e nas cantigas de maldizer. Nestas cantigas, as de maldizer, o trovador troça das pessoas ou das acções de determinados indivíduos, em termos directos e «a descoberto», enquanto nas cantigas de escárnio o poeta recorre ao duplo sentido das palavras, criticando e escarnecendo de alguém «per palavras cubertas», conforme diz a *Arte de Trovar do Cancioneiro da Biblioteca Nacional*. Ao contrário da composição satírica de origem provençal – «o sirventês», de carácter social e correctivo, abordando assuntos de interesse geral, a nossa produção satírica cai essencialmente na crítica individual e utiliza a ironia, o chiste e até a linguagem obscena com o intuito de ferir.

### **Cantiga de escárnio**

*O que foi passar a serra  
e non quis servir a terra  
e ora entra na guerra,  
que faroneja?  
Pois ele agora tão muito erra,  
maldito seja!*

.....  
*Afonso X, o Sábio<sup>6</sup>  
(CV 77; CBN 439)*

### **Cantiga de maldizer**

*Foi um dia Lopo jogar  
a casa dum infançon cantar  
e mandou-lhe ele por don dar  
três couces na garganta,  
e foi-lhe escasso, a meu cuidar,  
Segundo como ele canta*

.....  
*Martin Soares  
(CV 974)*

<sup>6</sup> Nota: Afonso X, abandonado e traído por muitos dos seus cavaleiros na luta contra os mouros andaluzes (1260), amaldiçoa os traidores e critica a sua cobardia.

## Estrutura formal

As cantigas trovadorescas classificam-se, formalmente, em cantigas de refrão e de mestria, de acordo com a existência ou ausência de estribilho. Nas cantigas de amigo, em especial nas de **construção paralelística**<sup>7</sup>, o refrão é um elemento de particular importância. Nas cantigas de amor e nas de escárnio e de maldizer, de modelo mais próximo de provençal, verifica-se um maior artifício e menos repetições, sendo as cantigas de mestria as mais elaboradas. O verso preferido pelos trovadores nas cantigas de amigo e nas satíricas é o redondilho maior (verso de sete sílabas) ou o redondilho menor, de carácter menos cortês, enquanto para as cantigas de amor preferiam o verso octossílabo (verso de oito sílabas) ou decassílabo (verso de dez sílabas), metros mais cultos, importados de França. Como artifícios poéticos mais usados, salientam-se: a *finda* – verso(s) remate, complemento do corpo da cantiga; o *dobre* – repetição simétrica da mesma palavra na estrofe; o *mosdobre* – repetição de várias formas de uma família vocabular, em especial de um verbo; a *palavra-perduda* – verso que não rima no corpo da estrofe; e o *leixa-prem* – repetição de todo ou parte do último verso da estrofe anterior, na estrofe seguinte.

A estrutura das cantigas quanto à forma e ao conteúdo, está presente na seguinte tabela:

C O N T E Ú D O		Cantigas de amigo	Cantigas de amor	Cantigas de escárnio e de maldizer
	<i>Sujeito</i>	A donzela	O trovador apaixonado	1ª ou 3ª pessoa
	<i>Objecto</i>	O «amigo», o amado	A «senhor», a dama	E. – pessoa(s) não identificada(s) M. – pessoa(s) identificada(s)
	<i>Caracterização do sujeito</i>	Jovem, bonita, graciosa, «velida», «louçana»,...	Aflito, humilde, cativo, coitado,...	Frequentemente não caracterizado
	<i>Caracterização do objecto</i>	Mentiroso, traidor, formoso...	Bondosa, leal, sociável, sensata, «comprida de bem», «a melhor»	Desleal, traidor, ladrão, dissimulado, covarde, vaidoso...
	<i>Relação sujeito/objecto</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Amor espontâneo e natural</li> <li>• Plano de igualdade entre sujeito e objecto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vassalagem</li> <li>• Inferioridade do sujeito em relação ao objecto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crítica</li> <li>• Denúncia de vícios e defeitos</li> </ul>

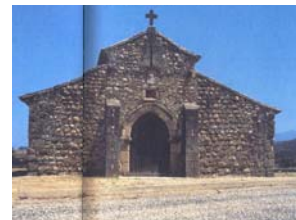
<sup>7</sup> Construção paralelística: estrutura fónica e semântica que se baseia na repetição.



<b>F O R M A</b>	<b>Temas</b>	Saudades Tristeza da ausência Preocupação Alegria de amar vingança	Amor: - infeliz - não correspondido - frustrado Desespero	Crítica: - individual - social - política
	<b>Cenário/ambiente</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Campo</li> <li>• Mar</li> <li>• Ambiente rural e doméstico</li> <li>• Natureza confiante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A corte</li> <li>• Ambiente palaciano</li> <li>• Natureza convencional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A vida da época sociedade medieval</li> </ul>
	<b>Estrutura</b>	Paralelismo: - perfeito - imperfeito Cantiga de refrão Verso redondilho menor (5 sílabas) Redondilho maior (7 sílabas)	Cantiga de mestria Cantiga com dobre, mosdobre, finda, leixa-prem... Verso octossílabo Verso decassílabo	

## Valor da poesia trovadoresca medieval

A poesia trovadoresca medieval tem valor linguístico porque atesta o desenvolvimento e importância do galego-português no território peninsular e europeu. Apresenta também interesse artístico, pois representa os primeiros passos da literatura nacional. Além disso, tem interesse social e histórico porque nos permite conhecer alguns costumes e usos da época (divertimentos, vestuário, ocupações, etc.), os sentimentos, as relações sociais, o papel feminino e alguns acontecimentos histórico-políticos.



**Figura 5 - Capela românica de S. Pedro de Arganil**